

É o que Innis defende como sendo uma das causas do declínio de Roma: por conta da falta de papiro, largas áreas do império se tornaram praticamente invisíveis, provocando atrasos, por exemplo, no envio de tropas para conter invasões ou para organizar as atividades militares.

Uma crítica comum a Innis é que *Empire and Communication* flerta com o determinismo tecnológico, isto é, a ideia de que as tecnologias de comunicação em si são responsáveis pelas mudanças sociais. No entanto, como o autor menciona no início do livro, todo processo político é, em essência, multifatorial, e não é possível reduzi-lo a um ou outro fator, nem mesmo à Economia ou à Política.

Antes, trata-se de um processo consideravelmente mais amplo, no qual a mídia tem uma atuação fundamental, mas não determinante. Innis deixa no horizonte a perspectiva de que os sistemas políticos não podem ser pensados sem que se leve em conta os sistemas de comunicação.

© Para começar

INNIS, H. *O viés da comunicação*. Petrópolis: Vozes, 2010.

3

McLuhan: a vida eletrônica em uma aldeia global

“Uma rede mundial de computadores tornará acessível, em alguns minutos, todo o tipo de conhecimento aos estudantes do mundo inteiro.” A frase está lá, na p. 49 de *Mutations 1990*, pequeno livro de Marshall McLuhan publicado em 1969 pela editora francesa Mame. Na época o autor já era conhecido no mundo acadêmico por seus livros anteriores, em especial *A Galáxia de Gutemberg*, de 1962, e *Understanding Media*, de 1964, editado no Brasil como *Os meios de comunicação*.

Na época, as perspectivas expostas por McLuhan em seus livros, como redes de computadores, conexão digital entre as pessoas, ligações entre seres humanos e máquinas pareciam próximo de um episódio de *Star Trek*. *Mutations 1990* ficou relativamente despercebido. Até que a realidade deu razão a McLuhan – ironicamente, nos anos de 1990.

Formado em Literatura com doutorado em Filosofia, McLuhan foi um dos primeiros, junto com seu professor Harold Innis, a construir uma teoria focada nos *media*, isto é, na tecnologia de informações.

As práticas de comunicação, para McLuhan, se estruturam em torno do eixo formado pelas mídias disponíveis para o estabelecimento das relações entre as pessoas, o que faz da mídia a protagonista dos atos de comunicação, ao redor da qual gravitam os outros elementos, articulando-se conforme a tecnologia da informação disponível no momento.

Ao longo da história, e aí há um vínculo com Innis, alterações sociais tiveram em sua origem algum tipo de modificação na maneira como as pessoas se comunicavam, isto é, nas condições disponíveis para a interação social mediada por alguma tecnologia. McLuhan sugere que a história da humanidade pode ser pensada, de maneira alternativa, como a história da interação entre o indivíduo e a sociedade a partir da mediação da técnica. O foco de

análise dele parece ser, em alguma medida, o modo como as sociedades se relacionam com as mídias disponíveis e, mais ainda, como as alterações nessas mídias mudam igualmente a relação entre as pessoas.

Da galáxia de Gutenberg à aldeia global: a formação do ser humano

Uma das preocupações da Teoria da Mídia de McLuhan é compreender como os meios de comunicação interferem em nossa sensibilidade, isto é, em nossos sentidos e na maneira como percebemos a realidade ao redor. Ao longo do tempo, diferentes tecnologias da informação privilegiaram um ou outro sentido dos seres humanos.

Na Idade Média, por exemplo, antes da invenção da imprensa, a aprendizagem era sobretudo auditiva, oral e visual. Uma catedral gótica, por exemplo, oferecia ao público medieval uma experiência próxima do que seria atualmente um mergulho na realidade virtual: vitrais provocavam jogos de iluminação ao longo do dia; imagens e pinturas narravam episódios da vida religiosa e cotidiana, um coral e instrumentos musicais formavam a paisagem sonora enquanto incenso provocava uma experiência olfativa – o indivíduo era atingido por diversos estímulos.

A invenção da tipografia por Gutenberg, por volta de 1450, altera consideravelmente esse panorama. O modo de aprender perde, em alguma medida, seu apelo multissensorial, concentrando-se em um único sentido, a visão. A experiência da leitura se torna a maneira de aprender. O próprio conceito de “cultura” passa a ser ligado à “leitura”: saber significa ler o que está nos livros, que se tornam, por sua vez, o objeto que representa a aprendizagem.

A cultura oralizada perde espaço para uma cultura mais e mais baseada na palavra escrita, o que, por sua vez, exige o implemento de novas técnicas de produção de papel, o suporte para o novo meio, e também gera uma nova demanda por um conhecimento específico, o alfabeto, para a compreensão da mensagem.

A sociedade passa a se organizar em torno do documento escrito e a palavra impressa se consagra como o meio principal de conhecimento, tirando o lugar de qualquer outro tipo de narrativa. Isso gera uma demanda por um tipo de educação centrada na palavra, na preparação para o uso, produção e compreensão da palavra escrita, elevada à forma principal de conhecimento – em alguns casos, o único conhecimento legitimado pelo uso.

Em *A galáxia de Gutenberg*, McLuhan faz um diagnóstico negativo desse panorama: preso ao sentido da visão, o *homo typographicus*, “homem tipográfico”, em alusão ao *homo sapiens*, deixou de lado os outros sentidos e a experiência de aprender por outros meios, como imagens, sons, cheiros e sabores. Não se trata de uma crítica destrutiva das letras, mas do fato de que, em muitos aspectos, o saber foi reduzido à leitura – e uma parte do modelo escolar atual ainda mostra isso.

Como lembra o colunista Ronaldo Lemos em um *podcast* publicado em abril de 2012 no *site* Folha.com: “se Santo Tomás de Aquino reaparecesse hoje vindo da Idade Média, ficaria surpreso ao ver um hospital ou um prédio em construção. Mas se sentiria em casa ao ver uma escola” (<http://folha.com/no1078932>).

Em várias de suas obras McLuhan critica esse modelo. Seja em artigos menos conhecidos publicados na revista *Explorations*, ainda nos anos de 1950, no livro *Revolução na Comunicação* ou mesmo em *Mutations* 1990, o autor se preocupa com as relações entre tecnologia e inteligência. Uma de suas preocupações pode ser resumida em um paradoxo: de um lado, alunos mergulhados no universo dos pixels na tela; do outro, uma escola na qual a escrita é a principal tecnologia disponível.

O conhecimento das extensões do homem

Os meios eletrônicos, para McLuhan, ampliam as possibilidades de conhecimento e interação com a realidade. A comunicação eletrônica e as mídias digitais permitem uma troca quase instantânea de informações na forma de textos, sons e imagens ao redor do planeta, aumentando as possibilidades de contato e troca – não por acaso, na p. 55 de *A galáxia de Gutenberg*, o autor afirma que “a nova interdependência eletrônica recria o mundo à imagem de uma aldeia global”.

Na aldeia global, a alfabetização pelos signos da escrita é substituída pela preparação audiovisual para os meios eletrônicos. O fluxo de imagens e sons de certa maneira marca um retorno da narrativa oral, agora mediada pela eletrônica e tornada audiovisual e sensorial. A sensibilidade humana desloca-se novamente para os ouvidos e para os olhos, bem como para a voz. A leitura perde espaço diante da imagem e o signo escrito perde espaço para os signos audiovisuais.

Isso, igualmente, muda a maneira como se aprende. Um filme ou um programa de televisão, lidando com vários sentidos de uma só vez, oferecem uma experiência de aprendizagem a ser aproveitada. Os meios de comunicação expandem a sensibilidade e permitem ao ser humano conhecer a realidade de maneiras diferentes. *A galáxia de Gutemberg* desaparece no momento em que os meios eletrônicos reconstroem o mundo a partir de seus *bits, bytes e pixels*.

Não é por acaso que em *Os meios de comunicação* McLuhan propõe que “os meios de comunicação são extensões do homem”, isto é, amplificam os sentidos humanos em seu contato com a realidade. Nos exemplos do autor, o telefone é uma extensão do ouvido assim como a roda é uma extensão dos pés. Nessa noção ampliada de “mídia”, o contato do ser humano com a realidade é transformado pelos meios acoplados a ele – o que, por sua vez, muda a maneira como se vivencia essa experiência.

Aliás, em certa medida, a noção de interatividade está ligada de alguma forma à ideia de que os meios são extensões do homem. Interagir, no caso, é utilizar instrumentos digitais para existir virtualmente em lugar nenhum. A interação, pensando nos termos de McLuhan, é a ligação entre os seres humanos via extensões tecnológicas responsáveis por formar um corpo de pixels acoplado ao corpo biológico.

O modo como se ouve música pode ser um exemplo.

A gravação de sons, ainda no final do século XIX, mudou o modo como se ouve e vive a experiência musical. Antes dessa invenção o acesso à música era restrito ao “ao vivo”, e o repertório das pessoas era condicionado pelas chances de ouvir música. Após a invenção do disco, ouvir música não era mais questão de sorte. O tamanho dos aparelhos de som provocou um deslocamento da experiência auditivo-sonora da sala de concertos, das praças ou igrejas para a sala de estar. A experiência pública deixava de ser a única possível e passava a concorrer com a presença mais íntima da tecnologia do som em casa.

A partir da invenção do *walkman*, nos anos de 1980, o modo de ouvir música novamente mudou. Do espaço coletivo da esfera familiar, a música se concentrou diretamente no indivíduo. Com o fone de ouvido a experiência auditiva torna-se particular, mesmo quando algumas pessoas insistem em colocar o volume alto o suficiente para todo mundo ao redor ouvir. As alterações na tecnologia transformaram o modo como se ouve música.

Meios e mensagens

É nesse sentido que McLuhan afirma, em *Os meios de comunicação*, que “o meio é a mensagem”. As características intrínsecas de cada meio implicam alterações na produção e na recepção da mensagem. As mudanças em nossa relação com a mensagem são provocadas pelo meio de comunicação ao qual nos ligamos para ter acesso à mensagem. A rigor, não existe “transposição” ou “adaptação” da mensagem: cada meio produz uma mensagem completamente nova a partir das informações.

O meio altera a mensagem e pode torná-la mais ou menos complicada, exigindo um tempo diferente de atenção e dedicação do indivíduo para compreendê-la. Quanto mais um determinado meio exige concentração para se compreender a mensagem mais difícil ele será. Por outro lado, há meios nos quais a mensagem necessariamente precisa ser mais simples, rápida e direta – e, com isso, até mesmo o tema mais complicado deve obrigatoriamente ser condensado em aspectos essenciais.

Nesse aspecto, McLuhan fala de meios “quentes” e “frios”. Um meio “quente” geralmente é dirigido a um único sentido. O livro exige apenas o olho, enquanto o rádio dirige-se à audição, o cinema e a televisão requerem mais de um sentido e a interação via computador, na medida em que requer também o tato, pelo menos no uso de uma tela ou de um teclado, são meios “frios”. Em uma espécie de sinestesia, os meios “frios” apelam para vários sentidos ao mesmo tempo.

McLuhan foi um dos poucos pensadores que viram suas ideias ultrapassarem os muros das universidades e alcançarem um público geral – em 1977, chegou a fazer uma ponta no filme *Noivo neurótico, noiva nervosa*, de Woody Allen. Os desenvolvimentos tecnológicos mostraram o acerto de suas ideias, às vezes com décadas de antecedência. A realidade, pelo visto, nem sempre acertou o compasso em relação a McLuhan.

● Leituras iniciais

BASTOS, M. “Ex-crever?” In: SANTAELLA, L. & NÖTH, W. (orgs.). *Palavra e imagem nas mídias*. Belém: UFPA, 2008.

LIMA, L.O. *Mutações em educação segundo McLuhan*. Petrópolis: Vozes, 1973.

MCLUHAN, M. *Os meios de comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1975.

_____. *A galáxia de Gutemberg*. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1972.

PEREIRA, V. *Estendendo McLuhan*. Porto Alegre: Sulina, 2011.

4

Ambiente, canal, linguagem: as mídias para Joshua Meyrowitz

A maneira como os meios de comunicação se articulam com o cotidiano dos indivíduos é uma das principais preocupações da chamada “segunda geração” da Teoria dos Meios, representada, entre outros, pelo pesquisador britânico Joshua Meyrowitz. Em *No sense of place*, publicado em 1986, retoma o legado de outros pesquisadores da mídia, mas adiciona uma questão sobre o modo como os meios podem alterar o comportamento dos indivíduos e suas relações sociais.

A pergunta não se dirige às mensagens dos meios, mas aos meios em si, procurando compreender de que maneira as tecnologias de comunicação redefinem nossas percepções do mundo social, sobre relacionamentos pessoais e sobre nós mesmos em um cotidiano no qual identidades passam pelas mídias.

Em linhas gerais, Meyrowitz propõe que as diversas mídias são centrais para a compreensão dos processos sociais, políticos e históricos de uma época. Os meios de comunicação têm propriedades específicas que devem ser pensadas em suas articulações com outras práticas sociais, interferindo direta ou indiretamente na maneira não só como as pessoas se relacionam e interagem com o mundo ao seu redor.

O meio não se reduz a um suporte para a mensagem, mas interfere diretamente no conteúdo. Meyrowitz cita como exemplo as transformações no cenário religioso provocadas quando a *Bíblia* passou a ser impressa em vez de manuscrita, no final da Idade Média. A mesma mensagem, em dois meios diversos, provocou transformações diferentes. A definição de *mídia*, nesse sentido, ultrapassa a noção comum que entende “meios de comunicação” como um “canal”, dando lugar a uma definição dos papéis sociais para cada